

## História de Vida-Formação de uma professora idosa aposentada<sup>1</sup>

### The Lifelong Learning/Formation Story of a retired elderly teacher

Adson dos Santos Bastos<sup>2</sup>, Elizeu Clementino de Souza<sup>3</sup>

**Resumo:** O texto toma como centralidade experiências e trajetórias de vida-formação de uma professora idosa aposentada, participante da Universidade Aberta à Terceira Idade. Busca-se, assim, analisar como o Programa se constitui como um *lôcus* em que as experiências ganham novos sentidos, a partir da compreensão que o sujeito constrói sobre si ao narrar suas histórias formativas. Adotamos princípios epistemológicos e teórico-metodológicos da pesquisa qualitativa e da pesquisa (auto)biográfica, utilizando como dispositivo de pesquisa a entrevista narrativa. A análise apresentada parte do processo de biografização, com ênfase em aspectos vinculados às trajetórias de vida-formação da professora idosa, na condição de professora aposentada. O texto revela, também, modos próprios como a professora aposentada narra suas histórias de formação e inserção profissional, bem como suas aprendizagens no âmbito da Universidade Aberta à Terceira Idade, ao revelar experiências e sentidos sobre a formação, a profissão e a atuação profissional.

**Palavras-chave:** Narrativas (Auto)biográficas; Professora Aposentada; UATI.

**Abstract:** This article is centered on the experiences and lifelong learning/formation stories of a retired elderly teacher, a member of the University of the Third Age. It is meant to serve as a means to analyze how this Program constitutes a place where such experiences find new meanings, taking into consideration the very perception one has of oneself when telling their own formation story. We opted for epistemological and theoretical-methodological principles and framework of qualitative research and (auto) biographical research, using the narrative interview as an approach. The analysis hereby presented is part of a process of the biographical storytelling, with emphasis on aspects related to the lifelong learning/formation stories of the

---

<sup>1</sup> O texto vincula-se à pesquisa “Multisseriação e trabalho docente: diferenças, cotidiano escolar e ritos de passagem”, financiada pelo CNPq e pela FAPESB, configurando-se como entrada de uma pesquisa de doutorado no âmbito do referido projeto de pesquisa.

<sup>2</sup> Professor Auxiliar da Universidade do Estado da Bahia (UNEB). Mestre em Ensino, História e Filosofia da Ciência pela UFBA/UEFS. Doutorando do PPGEduc-UNEB. Membro do Grupo de Pesquisa Autobiografia, Formação e História Oral (GRAFHO/UNEB). Bolsista PAC/UNEB. E-mail: [adson.bastos@hotmail.com](mailto:adson.bastos@hotmail.com)

<sup>3</sup> Doutor em Educação pela Universidade Federal da Bahia. Pesquisador 1C CNPq. Professor Titular do Programa de Pós-Graduação em Educação e Contemporaneidade, da Universidade do Estado da Bahia (PPGEduc-UNEB). Líder do Grupo de Autobiografia, Formação e História Oral (GRAFHO/UNEB/CNPq). E-mail: [esclementino@uol.com.br](mailto:esclementino@uol.com.br)

elderly teacher, as a retired one. This article also reveals particular ways in which the retired teacher narrates accounts of her formation and chosen career, as well as her learning at the University of the Third Age, by unfolding experiences and meanings about the formation, the profession and the professional performance.

**Keywords:** (Auto) Biographical Narratives; Retired Teacher; UATI; University of the Third Age.

## Introdução

Nosso interesse em pesquisar experiências e saberes de professoras aposentadas advém da necessidade de aprofundarmos discussões sobre a pesquisa (auto)biográfica, trajetórias de formação e saberes docente. Compreendemos que até meados da década de 80, questões vinculadas ao processo educacional incidiam muito mais no modo como os alunos aprendiam do que como o professor ensinava. Tal perspectiva e centralidade nos processos de ensino voltados para o desenvolvimento e aprendizagens dos alunos estiveram, muitas vezes, assentados em princípios da racionalidade técnica do trabalho docente, fazendo com que os professores fossem formados e concebidos como profissionais técnicos, o que implicava numa separação entre a pessoa do professor, a profissão, condições de trabalho e, notadamente, os saberes necessários ao exercício da profissão.

Para Tardif; Lessard; Lahaye (1991) os saberes dos professores, quase sempre, foram considerados como saberes de segunda ordem, ou seja, não foram devidamente apropriados pela academia para os processos de formação de novos profissionais. Entretanto, pesquisas sobre biografias educativas, conhecimentos e saberes docentes, desde o final dos anos 80 do século passado, têm contribuído para deslocar a formação para as dimensões pessoais e profissionais em articulação com os conhecimentos necessários ao desenvolvimento profissional docente. Em diálogo com pesquisas realizadas por Nóvoa (1992), Nóvoa e Popkewitz (1992), Schön (2008), Pérez-Gómez (1992) e Garcia (1992) apreendemos, de forma singular, a importância de se repensar a formação através de articulações entre histórias de vida dos docentes, conhecimentos e saberes profissionais como fundamentais para uma nova epistemologia da formação docente (Souza, 2005).

Ancorados em tais princípios teóricos, temos desenvolvido, no âmbito do Grupo de Autobiografia, Formação e História Oral (GRAFHO), estudos sobre (auto)biografias de educadores baianos Souza (2016b, 2011, 2014 e 2009), Souza e Almeida (2012), através da utilização de entrevistas narrativas, objetivando apreender dispositivos de formação e marcas das trajetórias de vida-formação-profissão dos educadores e seus percursos sociais, possibilitando-nos compreender como se configura o campo educacional na Bahia, a partir das histórias dos educadores.

Ampliando as discussões sobre trajetórias de vida-formação, o presente texto centra-se na análise da história de vida de uma professora idosa<sup>4</sup> aposentada que frequenta a Universidade Aberta à Terceira Idade da Universidade do Estado da Bahia (UATI/UNEB), com o objetivo de discutir dimensões de suas trajetórias de vida-formação-profissão. O trabalho centra-se na narrativa da professora, em diálogo com princípios da pesquisa (auto)biográfica e através da realização de entrevista narrativa. Esse tipo de pesquisa vem sendo desenvolvida por pesquisadores como Souza (2016a, 2015, 2008), Passeggi; Vicentini; Souza (2013), entre outros, os quais têm desenvolvido práticas de pesquisa-formação no campo dos estudos (auto)biográficos e das experiências educativas, face as reflexões construídas pelos sujeitos quando narram suas histórias, revelando saberes, conhecimentos e aspectos concernentes à aprendizagem da vida-profissão.

No que se refere às histórias de vida das professoras aposentadas, suas narrativas desvelam experiências vividas desde a infância até a velhice<sup>5</sup>, numa perspectiva reflexiva ao narrarem sentimentos sobre o vivido, ao tempo em que estabelecem vínculos entre as memórias individuais e coletivas, suas aprendizagens contextuais, familiares, escolar, profissional e, mais ainda, sobre as marcas do tempo, com o avançar da idade.

Portanto, ao buscarmos analisar a narrativa de uma professora idosa implica, necessariamente, em ressignificar as lembranças de uma mulher que percorreu múltiplos caminhos, acumulando vivências e hoje rememora releituras de uma temporalidade passada, mas que se mistura com o presente (Bosi, 1995).

Procurando estabelecer uma relação entre memória e identidade, Michel Pollack (1992) afirma que a memória é um fenômeno coletivo, evidenciando-se inter-relações entre “memória e sentimento de identidade como a criação de sentido da imagem de si, para si e para os outros” (Pollack, 1992, p. 204)). Isto porque a memória é um fenômeno social, uma construção derivada das relações sociais estabelecidas pelos atores sociais, o que transcende o aspecto individual. Nessa perspectiva, Rousso (2002) afirma que a memória é a presença do passado e, ao mesmo tempo do presente, pois é o momento atual que lança ao passado as indagações em busca de compreensão, possibilitando uma reconstrução constante do indivíduo e do universo que habita. A memória é, portanto, um dos meios de se rever o passado no presente, através das lembranças, aprendizagens experienciais e marcas que são constitutivas das identidades individuais e coletivas dos sujeitos.

Ampliando essa discussão, Rousso (2002) teoriza, também, sobre a memória como reconstrução psíquica e intelectual que ativa, através da lembrança, uma

---

<sup>4</sup> Como idoso, está se considerando a população de 60 anos ou mais, tal como estabelecido na Política Nacional do Idoso.

<sup>5</sup> Usa-se aqui o termo velhice no sentido técnico do termo, ou seja, para referir-se a fase na qual se encontra o adulto-idoso com 60 ou mais anos de vida. Toma-se a idade de 60 anos por base de delimitação desta fase a partir do Estatuto do Idoso, instituído em outubro de 2003.

representação seletiva do passado, que não é apenas daquele que recorda, mas também do coletivo no qual o recordador fez/faz parte. Nesse sentido, as memórias são componentes necessários na formação das identidades dos sujeitos, das percepções de si e dos outros, daqueles com os quais conviveram ao longo de suas vivências em contextos sociais distintos.

Para Bueno (2002), o sujeito, ao reconstruir seu itinerário de vida, realiza uma reflexão quando rememora o seu passado, oportunizando a tomada de consciência de si. Portanto, o caráter formativo do método (auto)biográfico reside na tomada de consciência, em que as experiências, sejam elas negativas, sejam positivas, possibilitam rever certos pontos de atuação enquanto sujeito docente. A vasta literatura disponível sobre história de vida (Souza, 2006), principalmente sobre narrativas no campo da formação de professores, aponta-nos a (auto)biografia como um método que possibilita uma reflexão sobre as trajetórias de vida e formação, na medida em que oportuniza ao sujeito, na condição de autor e ator de sua própria história, rememorar experiências e refletir sobre suas aprendizagens de vida, oportunizando a tomada de consciência de si (Josso, 2004).

Destacamos que os estudos centrados em histórias de vida possibilitam aos sujeitos, quando narram suas histórias, ampliarem reflexões e aprendizagens sobre suas experiências e práticas educativas, às quais, ao serem relatadas/registradas através de (auto)biografias, oportunizam apreensões de aspectos diversos do campo educacional, da história das instituições, dos processos pedagógicos e das múltiplas formas como os sujeitos aprendem e ensinam, numa relação fértil entre identidades individuais, coletivas e também sobre identidade docente.

Ao discutir questões sobre narrativas e identidade, Catani, Bueno e Sousa (2000, p. 168) afirmam que “abordar a identidade implica, necessariamente, falar do eu, bem como das formas pelas quais o sujeito rememora suas experiências e entra em contato consigo mesmo”. Destacam, ainda, que as recordações mais significativas são aquelas que carregam significados adquiridos em sua vida prática, na maioria das vezes, nas relações de interações com os outros, como “referências imprescindíveis das nossas lembranças” e das nossas identidades (Catani, Bueno & Sousa, 2000, p. 168).

Ao discutir sobre histórias de vida e formação como arte de contar e trocar experiências, afirma Souza (2006) que as relações entre as histórias de vida do professor e do pesquisador confrontam-se, negam-se, confirmam-se, convergem-se, numa troca de experiências que dá vida e potencializa a pesquisa educacional. Nesse sentido, afirma o autor que:

As histórias de vida são, atualmente, utilizadas em diferentes áreas das ciências humanas e de formação, através da adequação de seus princípios epistemológicos e metodológicos a outra lógica de formação do adulto, a partir dos saberes tácitos e experienciais e da revelação das aprendizagens construídas ao longo da vida como uma metacognição ou metareflexão do conhecimento de si (Souza, 2006, p. 25).

Para Souza (2006), o pensamento reflexivo, os saberes da experiência, o autoconhecimento e a autorreflexão são elementos indispensáveis nas narrativas pessoais de professores, esclarecendo que, nas histórias de vida, quem decide o que deve ou não ser contado é o próprio sujeito, a quem cabe o “dizível” e o (in)dizível da sua história, a subjetividade e os percursos de sua vida.

Um dos papéis atribuídos ao idoso, em algumas sociedades, é o de ser a memória coletiva de seu grupo social, transmitindo um legado cultural. Portanto, essa é uma categoria que precisa ser compreendida, mesmo porque as memórias, as experiências e as trajetórias de vida-formação das professoras idosas aposentadas no contexto da UATI necessitam ser conhecidas por meio de produção científica, tendo em vista que essa é uma categoria ainda pouco pesquisada. As raras pesquisas<sup>6</sup> existentes tratam de temáticas relativas à saúde, condições de vida, qualidade de vida dos idosos, a inserção na sociedade e sobre trajetórias de formação. Contudo, são raras as pesquisas, no Brasil, que discutem questões relacionadas às trajetórias de vida-formação-profissão de professoras idosas e suas experiências em universidades da terceira idade.

Investir em estudos que tomam como centralidade histórias de vida e processos de formação de idosos, inscreve-se na perspectiva de apreendermos dimensões da vida-formação e constituição do idoso, num cenário de sua personalidade e subjetividade, na medida em que as histórias narradas refletem lembranças e memórias de tempos vividos e de contextos diversos sobre as experiências construídas pelos idosos em suas trajetórias de vida, disseminadas nas ações que a UATI proporciona, mas que não são tomadas como categoria de estudo de constituição desse sujeito pela evocação de suas lembranças das diversas ruralidades que nele habita.

Ao centrar-se nas narrativas da professora Maria do Carmo Lima dos Santos<sup>7</sup>, o texto busca entender, através do modo como a colaboradora narra suas histórias de vida-formação, aspectos diversos implicados com sua constituição pessoal, familiar, suas experiências escolares, formativas e profissionais, bem como noções de ruralidades presentes nas trajetórias de vida-formação da professora idosa aposentada que frequenta a UATI/UNEB/Campus VII, em Senhor do Bonfim-BA. Entende-se que a ideia de ruralidades está, em princípio, associada a questões que identificam formas de vida em espaços rurais, suas sociabilidades e, especialmente, no caso do que se conhece por atributos da roça, de pessoa simples e humilde, visto que “O recorte rural-urbano, em suas novas e modernas formas, permanece como um recorte pertinente para analisar as diferenças espaciais e sociais das sociedades

---

<sup>6</sup> Destacamos aqui as pesquisas de Valença e Reis (2015), Pereira (2014), Küchemann (2012), Mendonça et al. (2012), Silva, Cachioni & Lopes (2012), Valença e Silva (2011), Camarano (2010), Carneiro (2009), Castro (2005), Veras e Caldas (2004), Silva (1998), dentre outras.

<sup>7</sup> Optamos pela utilização do nome da professora aposentada em função da autorização da mesma e da assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, conforme informado na discussão metodológica do presente texto.

modernas, apontando não para o fim do mundo rural, mas para a emergência de uma nova ruralidade” (Wanderley, 2000, p. 90).

Nessa concepção, tem sido recorrente o fato de que pesquisas ancoradas em princípios do método (auto)biográfico sempre apontam para uma constituição de singularidades do sujeito, que se revela a partir da memória que produz ao longo da vida. Isso ocorre, notadamente, quando propomos compreender os modos como as diversas ruralidades presentes nas trajetórias dos sujeitos estão inscritas em suas vivências cotidianas, em espaços rurais e nas formas como vivem, aprendem e se desenvolvem pessoal e profissionalmente. Desse modo, a pesquisa (auto)biográfica tem nos possibilitado conceber a ideia de que houve, em determinado percurso formativo da vida do sujeito, demarcado por suas experiências de vida-formação, um processo de ressignificação dos saberes através da reflexividade biográfica e das aprendizagens que são construídas ao longo da vida pelos próprios sujeitos, quando narram suas histórias de formação e profissão.

A ideia central desse artigo consiste em socializar experiências de vida-formação-profissão da professora Maria do Carmo Lima dos Santos, por considerar a forma como narra, através de suas memórias, sua trajetória de sua escolarização e atuação profissional, compartilhando, assim, lembranças sobre o vivido e marcas constitutivas de sua identidade pessoal e profissional.

## **1. O Envelhecer no Século XXI: dificuldades e possibilidades**

O envelhecimento populacional, ou alongamento da vida, vem sendo considerado um proeminente fenômeno mundial. No caso brasileiro, pode ser comprovado por um aumento da participação da população maior de 60 anos no total da população nacional. Segundo Camarano; Kanso; Mello (2004), nos anos quarenta do século XX, a população idosa, com mais de 60 anos, representava 4%, já no ano 2000, essa população aumentou nove vezes.

De acordo com as autoras, alguns elementos como uma cultura de saúde, apoiada pelos avanços na medicina preventiva e curativa e nos hábitos de vida da população, criaram condições para o surgimento e expansão de um grupo de indivíduos idosos que não é caracterizado por uma saúde debilitada, pela pauperização e nem pela exclusão das diversas esferas da vida social. As autoras destacam também que esse fenômeno é mais facilmente observado em países desenvolvidos.

Entretanto, há evidências de sua ocorrência também em países em desenvolvimento. Debert (1999), por exemplo, afirma que o idoso brasileiro, especialmente a partir da década de 1980, passou a ser cada vez mais visível na sociedade, ocupando espaços na mídia e despertando o interesse da indústria do consumo, do turismo e do lazer. Essa nova forma de ver o idoso não corresponde à ideia da última fase da vida, em que eles estão excluídos da vida pública. Hoje, independentemente da classe social, os idosos são vistos como o grupo de indivíduos que apresenta maior disponibilidade para o consumo sendo, muitas vezes, responsáveis pela manutenção e suporte financeiro para as famílias.

O autor afirma ainda que os idosos são incentivados a exercer uma vigilância constante do corpo e destaca também que são estimulados a reconhecerem que são responsáveis pela própria saúde, por isso devem evitar abusos de bebidas alcoólicas e de tabaco e, por outro lado, devem realizar algum tipo de atividade física. Essa nova forma de ver o idoso é incentivada pelas políticas públicas de saúde, com o objetivo de reduzir custos com tratamentos.

Pesquisas realizadas nos últimos anos apontam o crescimento do número de pessoas idosas que buscam uma nova profissão, mesmo depois da aposentadoria, sendo que as carreiras mais procuradas são Turismo, Psicologia, Informática, Literatura e Artes. De acordo com Bergo *et al.* (2001), a socialização do idoso é prática fundamental para a preservação de sua saúde física e mental, uma vez que o processo de envelhecimento implica em alterações funcionais e comportamentais, as quais afetam os seres humanos de maneiras diferenciadas.

Para Lorda e Sanches (1995) é um equívoco afirmar que os idosos não são criativos, afinal de contas muitos artistas, músicos, escritores e até cientistas produziram grandes obras após os setenta anos, dentre eles podemos destacar, na música, Bethoven, na pintura, Picasso, e tantos outros. Nesse sentido, afirmamos que a idade cronológica não determina, por si só, a criatividade e a capacidade de aprender. Os autores afirmam, também, que a ideia de que os idosos não são produtivos emergiu na sociedade capitalista, que valoriza o indivíduo sob o critério da produção material.

Entretanto, a cada dia reconhece-se que os idosos ainda têm muito para oferecer e contribuir com a sociedade. Assim, eles passam a ser reconhecidos como indivíduos atuantes, que contribuem com a família, com a sociedade e com o desenvolvimento econômico do país.

Diante da situação econômica do Brasil, muitos filhos adultos ainda são dependentes, de alguma maneira, dos recursos de seus pais idosos. Nesses casos, a casa própria do idoso ou mesmo seus rendimentos de trabalho, pensão ou aposentadoria estão se transformando em fonte importante de suporte familiar. Portanto, estereótipos associados ao envelhecimento estão sendo revistos. Novas terminologias e novos conceitos vêm surgindo para tentar classificar os indivíduos na última fase da vida, até recentemente categorizados como na terceira idade. Sendo assim, as políticas públicas devem tanto responder às demandas dos indivíduos que buscam o envelhecimento ativo, como também tentar atender às necessidades daqueles em situação de vulnerabilidade trazida pela idade avançada.

Os idosos e as idosas do século XXI vivenciaram grandes transformações, como a queda da mortalidade materna e experimentam, agora, a queda da mortalidade nas idades avançadas. São os sobreviventes da alta mortalidade infantil por doenças infectocontagiosas, por neoplasias malignas e doenças cardiovasculares na meia idade. Entretanto, vale salientar que essa sobrevivência ocorreu de forma diferenciada no território brasileiro, entre grupos sociais e raciais.

Nesse aspecto, a população idosa brasileira constitui um grupo heterogêneo e complexo. Além das diferenças sociais e raciais, é composto por pessoas cujo intervalo de idade extrapola trinta anos e que experimentaram trajetórias de vida

muito diferenciadas. Por isso, o idoso deve ser reconhecido com prioridade nas áreas da saúde, educação, política, economia, previdência social, cultura, lazer, comunicação, direito (Oliveira; Oliveira, 2011).

A educação assume papel importante para auxiliar os idosos na superação de situações de vulnerabilidade com que se defrontam. Nessa perspectiva, a educação para o idoso deve superar os estereótipos negativos atribuídos à velhice, questionando preconceitos como inutilidade, incapacidade para aprender, doença, improdutividade, etc. Propicia-se, com isso, a valorização do idoso para que desenvolva a autonomia e possa exercer novos papéis sociais favorecendo, assim, maior inserção e participação social.

Portanto, o envelhecimento conduz a uma mudança significativa nos papéis sociais, que precisam de uma ressignificação tanto em nível micro a família, como em nível macro a sociedade.

## **2. Gênese da UATI no Brasil**

O Programa UATI chega ao Brasil na década de 1980 e logo se espalhou por todo território nacional. A cada ano, os participantes tornaram-se mais exigentes quanto aos conteúdos e aos cursos oferecidos, pois buscavam ampliar e atualizar seus conhecimentos, o que exigiu novas reformulações curriculares do Programa (Taam, 2008).

Assim, no projeto das UATI, busca-se ofertar serviços de qualidade, preocupando-se com que as atividades sejam de relevância social e de interesse para a vida dos idosos. Não é, portanto, um projeto com finalidade apenas de ocupação do tempo, como ocorreu em sua gênese, e sim um projeto de qualidade de vida, de formação e de qualificação de pessoas na terceira idade (Veras; Caldas, 2004).

O Programa tem suas bases no sistema universitário, podendo variar na apresentação, formato e conteúdo, ou seja, os cursos são adaptados conforme as necessidades dos alunos e, na maioria das vezes, são oferecidos pelas áreas de humanas, de artes e de saúde. Segundo Finato (2003, p. 76) “a metodologia variada inclui: aulas, cursos abertos, com livre acesso inclusive para cursos superiores, oferecendo grupos de estudos, oficinas de trabalhos, excursões e programas de saúde”.

Os idosos que frequentam a UATI, segundo Peixoto (1997), “universitários da terceira idade”, são direcionados a seguir os eixos da participação, da autonomia e da integração, passando de alunos que buscam conhecimento para fontes de conhecimento, através das pesquisas realizadas com eles. Nesse contexto, o Programa UATI auxilia os discentes idosos a terem uma nova concepção de vida, de sociedade e de velhice, para que possam viver plenamente na sociedade em que estão inseridos (Vellas, 2009). Logo, os programas educacionais voltados aos idosos estão apoiados no princípio da Educação Permanente (EP) (Cachioni, 2003; Taam, 2008).

A primeira turma iniciou na UNEB/Campus VII, em outubro de 2009 e foram oferecidas 40 vagas para idosos e idosas com idade igual ou superior a 60 anos, para frequentarem o Programa na modalidade de curso de extensão (Dias, 2009). Não



é exigido grau de instrução para frequentar as aulas, por isso a turma é bastante heterogênea, com idosas com baixo grau de escolaridade (semialfabetizadas), algumas com nível superior e outras na condição de professoras aposentadas.

### **3. Trajetórias de Vida-formação: apontamentos metodológicos**

Nossa opção pela pesquisa (auto)biográfica inscreve-se na perspectiva de apreendermos experiências formativas vivenciadas ao longo da vida, no contexto da trajetória de escolarização ou da prática profissional de idosos que frequentam a Universidade da Terceira Idade, da Universidade do Estado da Bahia, do Campus VII (UATI/UNEB). Tomamos como referência princípios teórico-metodológicos da pesquisa (auto)biográfica, através da utilização da entrevista narrativa, na tentativa de compreendermos os processos de biografização, marcados pelas experiências reveladas através das narrativas de vida, de formação e de atuação da professora idosa Maria do Carmo Lima dos Santos, que participa da UATI/UNEB/Campus VII, na condição de aluna.

O estudo, portanto, se configura como uma pesquisa qualitativa, de natureza interpretativa, que evidencia pôr em primeiro plano o estudo da trajetória de vida-formação da professora idosa, através do conhecimento de si e da sua condição de professora aposentada.

Para Guba e Lincoln (1994), nas pesquisas que adotam o método qualitativo, os dados fazem referência ao contexto e permitem compreender os sujeitos participantes como seres históricos, além de analisar e caracterizar as condições nas quais ocorrem o processo investigativo e não somente os seus resultados e os possíveis produtos. Esse tipo de método possibilita o contato mais próximo com os sujeitos e com o ambiente no qual ocorre a pesquisa, permitindo ao pesquisador conhecer a aprendizagem produzida nesse espaço e perceber as compreensões que os indivíduos têm sobre suas histórias, suas singularidades e suas experiências formativas.

O trabalho no campo da memória e das narrativas possibilita a reconstrução de histórias individuais ou coletivas, propicia reflexões sobre histórias de vida, de formação e de profissão, bem como sobre as histórias e culturas dos lugares, na medida em que se ancora em disposições temporais, espaciais e históricas. No campo da formação docente, as narrativas têm sido utilizadas como dispositivo de pesquisa-formação, implicando em discussões sobre trajetórias pessoais, constituindo-se em um exercício para que as experiências de vida, de profissão e de formação sejam consideradas férteis para se pensar a formação e certas superações de racionalidades técnicas, no domínio da formação docente. Implica, da mesma forma, compreender como as experiências e as narrativas são reveladoras do conhecimento de si (Souza, 2006) e das aprendizagens construídas ao longo da vida. Essa longa busca de si torna-se fundamental num contexto que exige investimento pessoal (Dominicé, 1988), além de favorecer descobertas de sentidos sobre o vivido, reconhecimento de valores e de projetos que promovam desenvolvimento e realização pessoal.

Contribuições das pesquisas desenvolvidas por Pineau (2006), Josso (2004), Nóvoa e Finger (1988), Mignot (2008), Dominicé, (1988) e Souza (2008), ancorados no trabalho com os conceitos vinculados à reflexão sobre a prática profissional, tornaram-se um dos caminhos relacionados à construção do conhecimento docente, pois possibilita aos professores, em processo de formação, ressignificarem saberes e práticas, através das formas como narram suas experiências de vida-formação. Assim, afirma Josso (2004) que a escrita narrativa funciona num primeiro plano na perspectiva das competências verbais e intelectuais, porque faz o sujeito entrar em contato com suas lembranças e evocar as “recordações-referências” que estejam implicadas com o conhecimento de si e a formação, fazendo com que ele revele o que “aprendeu experiencialmente nas circunstâncias da vida” (Josso, 2004, p. 31).

Portanto, o método (auto)biográfico possibilita ao pesquisador interagir com o contexto social pesquisado, analisando-o, construindo novos saberes e refletindo criticamente sobre suas ações, a partir do que se pode depreender dos relatos. Sua base empírica exige uma relação estreita com os sujeitos envolvidos de uma forma participativa, cooperativa e colaborativa. Enquanto dispositivo metodológico, a entrevista narrativa possibilita compreender marcas das trajetórias de vida-formação da professora idosa colaboradora da pesquisa, e aqui analisada, através das formas como lembra, narra e significa suas experiências formativas.

A entrevista com a professora aposentada Maria do Carmo Lima dos Santos foi realizada em dezembro de 2015, em sua residência. Inicialmente, informamos sobre o objetivo da pesquisa e os procedimentos metodológicos, bem como a importância da sua participação como colaboradora do estudo, concordando com a realização da entrevista. Iniciamos a entrevista narrativa a partir de uma questão geradora sobre as trajetórias de vida-formação-profissão e, após a entrevista, passamos para a fase de transcrição, devolução para leitura da entrevista e, posteriormente, assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).

Após a transcrição, devolução da entrevista e autorização da colaboradora, tomamos como referência princípios indicados por Souza (2015) sobre a análise compreensiva e interpretativa da narrativa, implicando na pré-análise, na leitura temática e na análise interpretativa, através dos eixos inscritos na narrativa da professora, especialmente no que se refere à gênese, à escolarização, à formação, à constituição familiar, à inserção profissional, à aposentadoria e à opção por participar da UATI/UNEB.

#### **4. Vida-formação-profissão: diálogos com uma professora aposentada**

A professora pesquisada tem 68 anos de idade, nasceu na Fazenda Ipanema, município de Pesqueira, estado de Pernambuco, caçula de quatro filhos. É casada, tem cinco filhos, sendo três mulheres e dois homens, todos com ensino superior completo. Ela formou-se em Geografia em 1987, na Fundação de Ensino Superior de Pernambuco (FESPU), na Faculdade de Formação de Professores de Petrolina. Durante o tempo de serviço, atuou em uma escola particular, no Colégio

Sacramentinas, e em três escolas estaduais: no Grupo Escolar Cândido Félix Martins, no Grupo Escolar Carlos Santana e no Colégio Estadual de Senhor do Bonfim.

Durante os 23 anos que permaneceu no Colégio Estadual Senhor do Bonfim, além de professora de Geografia nas turmas do Magistério, também foi coordenadora de área, vice-diretora e diretora, ou seja, transitou por todas as esferas pedagógicas de uma escola.

#### **4.1 Da alfabetização na sala de casa na roça ao exercício do magistério na cidade**

De acordo com Freitas (2008), o ofício de professor demanda um conjunto de saberes, habilidades, competências, normas e valores. Os papéis sociais de professor são definidos e orientados a partir do espaço e do tempo no qual são desenvolvidas as suas práticas. Desta forma, a representação e apropriação da imagem de professor, em diversos espaços da sociedade, estão atreladas ao tempo e espaços experienciados por ele.

Do Carmo, como gosta de ser chamada, inicia sua narrativa revelando o local onde nasceu e passou os primeiros anos da sua infância, assim como o início da sua escolarização:

Nasci na zona rural. A minha zona rural era bem zona rural. Era um povoado pequeno que não tinha nada, não tinha energia elétrica, água encanada, posto de saúde e muito menos escola. Aí meu pai cedeu uma sala da nossa casa para minha madrinha que era professora e aí passou a ser uma sala de aula.

Para Vidal e Faria Filho (2005) não é correto afirmar que apenas aqueles/as que frequentaram a escola seriam pessoas que possuíam as primeiras letras, quando afirmam que:

Rede de escolarização doméstica, ou seja, do ensino e da aprendizagem da leitura, da escrita e do cálculo [...] pode-se dizer que tais escolas utilizavam-se de espaços cedidos e organizados pelos pais das crianças e dos jovens aos quais os professores deveriam ensinar (Vidal; Faria Filho, 2005, p. 45).

Do Carmo relata que era muito ligada à sua madrinha de batismo e, por isso, o início da sua vida escolar aconteceu cedo para a época e já aos cinco anos já sabia ler e escrever: “E como eu era muito grudada na minha madrinha, ela me carregava para sala de aula e desde muito cedo fui sendo alfabetizada, do “jeito da zona rural”, mas cheguei lá, a letra não é feia e consegui ler com tranquilidade”.

A professora relata que permaneceu na escola com a madrinha por um bom período. Apesar de não ter como prosseguir os estudos na roça, ela queria muito fazê-lo. Foi então que a mãe, encantada com a capacidade da filha com as letras, convenceu o marido a mudar-se para uma cidade, para que a filha prosseguisse os estudos. Do Carmo conta que:

Como lá não tinha escola para continuar meus estudos e como minha mãe me via com um diferencial para os estudos, diferente dos meus irmãos, porque sempre gostei das letras, aí ela convenceu meu pai a comprar uma casa na cidade e isso aconteceu. Fui para a cidade de Arco Verde em Pernambuco, lá estudei até o segundo ano de magistério, quando casei e fui morar na cidade de Senhor do Bonfim, na Bahia, onde concluí o Magistério na escola das freiras Sacramentinas.

Segundo Maria do Carmo, ela foi a primeira aluna casada a frequentar a escola, até hoje ela não sabe o que o marido, na época noivo, fez para conseguir essa façanha, de convencer a direção da escola que uma aluna casada estudasse. Ela relata que isso aconteceu porque eles planejavam o casamento para quando ela se formasse, mas o Magistério passou a ser com quatro anos e eles não queriam adiar o casamento. Então, estudou no Colégio Sacramentinas o terceiro e quarto anos, porém tinha tratamento diferenciado porque era casada: não podia conversar com as demais alunas e no intervalo permanecia na secretaria da escola. Essa era a condição para que continuasse frequentando as aulas, e como ela queria muito concluir os estudos, seguia todas as normas:

Fui a primeira casada a estudar na escola, por isso sofri muitas retaliações. No intervalo, por exemplo, não podia ficar com as outras meninas para não ensinar coisas que só as mulheres casadas sabem, permanecia na secretaria. Essa foi a condição para frequentar a escola. Mas consegui concluir o curso de Magistério.

Só depois de seis anos da conclusão do curso de Magistério é que Maria foi exercer a função docente. Iniciou no Grupo Escolar Cândido Félix Martins, em uma turma da 2ª série do ensino primário. No ano seguinte, saiu do Cândido Félix e foi para o Grupo Escolar Carlos Santana, onde também trabalhou com uma turma da 2ª série do primário. Entretanto, também não continuou nessa escola.

A professora relata que saiu do Carlos Santana e foi exercer a docência no Colégio Estadual de Senhor do Bonfim. Nesse colégio, exerceu a docência em turmas do Magistério e com isso se sentiu na obrigação de buscar mais uma formação, e decidiu voltar a estudar:

Depois de alguns anos, já professora da rede estadual do estado da Bahia e com cinco filhos, a mais velha com 12 e o mais novo com 02 anos, decidi voltar a estudar e fui cursar Geografia na Universidade de Pernambuco, na cidade de Petrolina, que fica a mais de 130 km de Senhor do Bonfim. Trabalhava o dia inteiro e no final da tarde saía da escola para Petrolina, só chegava em casa por volta da meia noite, essa rotina durou quatro anos. Não foi fácil, mas consegui concluir o curso. Mas devo afirmar que tive ajuda de muitas pessoas, principalmente do meu marido, que ficava com as crianças enquanto eu estudava.

Depois da formação superior, continuou suas atividades no Colégio Estadual de Senhor do Bonfim, lecionando Geografia. A professora relata que brigava pelas turmas de Magistério, porque na escola existiam outros cursos profissionalizantes,

mas gostava mesmo era das turmas de Magistério. “Não abria mão das turmas de Magistério, porque gostava de formar professores”. Além das aulas na rede estadual, Do Carmo relata que foi intimada a ministrar aulas nas turmas de Magistério do Colégio Sacramentinas. Ela afirma que relutou muito, mas não teve como dizer não e trabalhou no Colégio Sacramentinas por alguns anos.

Com essas experiências nas turmas de Magistério, a professora foi convidada a fazer parte do Pró-Leigos, projeto da Universidade do Estado da Bahia (UNEB), coordenado pelo Professor Doutor Paulo Batista Machado, que tinha como objetivo formar professores leigos que atuavam na zona rural de Senhor do Bonfim. A professora demonstra satisfação em ter participado desse projeto, porque desde que saiu da roça não mais voltou e retornar para formar professores foi muito gratificante:

Depois de formada trabalhei durante três anos com professores leigos em um projeto (Pró-leigos) para formar professores leigos que atuavam na zona rural. Esse é a minha maior lembrança como professora da zona rural. Particpei como formadora até o último momento. Esse projeto foi muito proveitoso, porque todos eles receberam o diploma de Magistério e isso me dar muito orgulho, porque a maioria deles não pararam e hoje muito já são mestres.

A narrativa de Do Carmo revela experiências formativas, sua inserção profissional e contribuições para a formação de outros profissionais. Dessa forma, compreendemos, conforme afirma Bragança (2008, p. 75), que as “[...] narrativas não apenas descrevem a realidade, são produtoras de conhecimento individual e coletivo e, no caso dos professores/as, potencializam os movimentos de reflexão sobre as próprias experiências, teorias e práticas [...]”.

Do Carmo permaneceu no Magistério por 25 anos, quando se aposentou. Após a aposentadoria, a professora precisava de alguma atividade para ocupar seu tempo, foi quando buscou a UATI.

#### **4.2 UATI: mais uma possibilidade de aprender**

O ser humano é um ser aprendiz. Desde o momento do nascimento até o seu momento final, a vida lhe cobra uma aprendizagem contínua, seja para que possa sobreviver, ou ainda, viver com qualidade. Por isso, há vários motivos pelos quais se entende que a aprendizagem contínua é um processo fundamental na vida, em todas as suas etapas. Nessa lógica, é fundamental para o adulto-idoso encontrar espaços que lhe possibilitem abrir novos caminhos criativos para a sua integração na sociedade e que lhe permitam construir uma leitura mais ampla de mundos possíveis.

Sendo assim, a aprendizagem contínua é importante, especialmente na terceira idade e, principalmente, quando ela é organizada como atividade grupal que possibilita o contato com outras pessoas, através de apoio e redes de relações com

outros sujeitos, além da aprendizagem voltada para questões específicas de interesse do idoso, que podem, inclusive, promover a resiliência<sup>8</sup>.

O projeto da UATI busca ofertar serviços de formação, preocupado para que as atividades sejam de relevância social e de interesse para a vida dos idosos, não sendo, portanto, um projeto com finalidade apenas de ocupação do tempo como, na sua gênese, e sim um projeto de qualidade de vida, de formação e de qualificação. Tudo isso implicou na opção da professora Maria do Carmo para participar do Projeto:

O que me levou a voltar para a Universidade, agora em um grupo de idosos e aposentada, foi porque sou muito inquieta e não queria ficar em casa e quando soube do projeto (UATI) gostei muito da proposta, então tratei de conseguir uma vaga. No projeto, já tive momentos excelentes e de grande aprendizado, porque nunca é tarde para o conhecimento. Sempre fui muito assídua e participativa, em tudo que o projeto propõe, já fui até a Miss UATI.

As atividades educacionais com a terceira idade indicam que aprender está deixando de ser simplesmente condição para manter posições atuais, tornando-se uma maneira de se divertir, de ocupar a mente, de preencher o tempo e, principalmente, de estar em sintonia com a atualidade, ou seja, os idosos querem experiências de aprendizagens que sejam significativas, relevantes e úteis para suas vidas.

### **Alguns apontamentos (in)conclusivos**

As narrativas de Maria do Carmo Lima dos Santos revelam dimensões existenciais de sua trajetória de vida-formação-profissão. A professora que nasceu e iniciou seus estudos na roça, na sala de casa, desde cedo se mostrou inquieta e curiosa com as letras, contou com a perspicácia e com a ajuda da sua mãe para continuar seus estudos até tornar-se professora. Pela sua atuação brilhante como docente nas turmas de Magistério, sempre foi muito requisitada na cidade onde mora, contribuindo, significativamente, para a formação de outras professoras.

Enfrentou muitas dificuldades para concluir o ensino superior, porque tinha uma carga horária semanal de quarenta horas na escola e cinco filhos pequenos, mas não permitiu que as dificuldades a atrapalhassem. Como sempre foi determinada, concluiu o curso superior e essa formação contribuiu, ainda mais, para a evidência e a inserção social da professora em sua cidade, sendo requisitada para lecionar em outras escolas. Entretanto, a professora destaca como uma das atividades mais prazerosas de sua longa carreira docente, a de ser professora formadora no projeto Pró-Leigos:

---

<sup>8</sup> Resiliência foi definida por Groteberg (2005, p. 15) como “a capacidade humana para enfrentar, vencer e ser fortalecido ou transformado por experiências de adversidade”.

“neste projeto realizamos sonhos de muitos professores leigos que não tinham perspectiva de ter uma formação”.

Ao socializarmos experiências de vida-formação-profissão da professora Maria do Carmo, através de suas memórias, de sua inserção profissional e da sua participação na Universidade Aberta à Terceira Idade, evidenciamos que a pesquisa (auto)biográfica e a utilização da entrevista narrativa com a professora possibilitaram revelar, mesmo que de forma abreviada, processos de biografização em articulação com suas aprendizagens pessoais, profissionais e marcas de sua formação e atuação profissional, bem como sua inserção na UATI, como forma de novas aprendizagens e reinserção social.

## Referências

Bergo, M.S.A. et. al. (2001). Idosos: proposta e possível público alvo para uma Universidade da Terceira Idade. Cianorte-Paraná, Anais I Seminário Internacional de Educação, Ed. Universidade Estadual do Paraná.

Bosi, E. (1995). Memória e Sociedade: Lembranças de Velhos. São Paulo: Companhia das Artes.

Bragança, I.F.S. (2008). Histórias de vida e formação de professores/as: um olhar dirigido à literatura educacional. In: Souza, E.C. de. & Mignot, A.C.V. (Orgs.) [et. al.]. Histórias de vida e formação de professores. pp. 65-88, Rio de Janeiro: Quartet: FAPERJ.

Bueno, B.O. (2002). O método autobiográfico e os estudos com histórias de vida de professores: a questão da subjetividade. Educação e Pesquisa. vol. 28, nº 1, pp. 11-30, São Paulo.

Camarano, A. A. (2010). Cuidados de longa duração para a população idosa: um novo risco social a ser assumido? Rio de Janeiro (RJ): IPEA.

Camarano, A. A.; Kanso, S.; Mello, J. E. (2004). Como vive o idoso brasileiro? In Camarano, A. A. Os novos idosos brasileiros: muito além dos 60? pp. 25-73 Rio de Janeiro: IPEA.

Carneiro, R. C. O. (2009). Histórias de mestras, memória e identidade: o significado de ser professora do Instituto de Educação Gastão Guimarães. 220 f. Dissertação (Mestrado em Educação e Contemporaneidade), Universidade do Estado da 2, Salvador.

Castro, M. (2005). Percorrendo os caminhos da profissão docente: estudo a partir da trajetória de professoras formadas nas primeiras décadas do século XX. PUC/Minas. Relatório de Pesquisa.

Cachioni, M. (2003). Quem educa o idoso: um estudo sobre professores de universidades da terceira idade. Campinas: Alínea.

Catani, D. B.; Bueno, B. O.; Sousa, C. P. (2000). O amor dos começos: por uma história das relações com a escola. Cadernos de Pesquisa. Nº 111, pp. 151-171.

Dominicé, P. (1988). A biografia educativa: instrumento de investigação para a educação de adultos. In: Nóvoa, A. e Finger, M. O método (auto)biográfico e a formação. pp. 101-106, Lisboa: MS/DRHS/CFAP.

Debert, G. G. (1999). A reinvenção da velhice: socialização e processos de reprivatização do envelhecimento. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, Fapesp.

Dias, L.T. (2009). Organização da informação no contexto da Museologia e do Museu na contemporaneidade: subsídios terminológicos para a elaboração de uma linguagem documentária. ECA/USP.

Finato, M. S. S. (2003). A universidade aberta à terceira idade e as redes de apoio afetivo e social do idoso. Tese (Doutorado em Educação). 161 f. Universidade Estadual Paulista - Faculdade de Filosofia e Ciências. Marília, SP.

Freitas, A. M. G. B. de. (2009). Desvendando aspectos da profissão docente na produção historiográfica educacional do norte e nordeste: algumas possibilidades dos estudos biográficos. In: Pinheiro, A.C.F.P e Ananias, M. (Orgs.). Educação, direitos humanos e inclusão social: histórias, memórias e políticas educacionais. pp. 41-54, Vol. 2. João Pessoa: Editora Universitária UFPB.

Garcia, C. M. (1992). A formação de professores: novas perspectivas baseadas na investigação sobre o pensamento do professor. In: Nóvoa, A. Os professores e a sua formação. pp. 51-75, Lisboa: Dom Quixote.

Grotberg, E. (2005). O Projeto de Resiliência Internacional: promovendo a resiliência em crianças. Wisconsin: Universidad de Wisconsin.

Guba, E. G.; Lincoln, y. W. (1994). Competing paradigms in qualitative research. In: Denzin, n. K.; Lincoln, y. S. (ed.). Handbook of qualitative research. pp. 105-117, Thousand Oaks: Sage.

Josso, M.-C. (2004). Experiências de Vida e Formação. São Paulo: Cortez.



Lorda, C.R; Sanches, C.D. (1995). *Recreação na Terceira Idade*. Rio de Janeiro: Sprint.

Küchemann, B.A. (2012). Envelhecimento populacional, cuidado e cidadania: velhos dilemas e novos desafios. *Soc. Estado*, 27(1),165-180.

Mendonça, A.A., Santos, A.F., Brandão, F.R., Pereira, K.B., & Brito, R.F. (2012). História de vida, de cinco mulheres, na terceira idade, cuidadoras de idosos, na cidade de Belo Horizonte (MG). *Rev. Enfermagem*, 15(01), 16-27.

Mignot, A. C. V. (2008). Um objeto quase invisível. In: MIGNOT, A.C.V. *Cadernos a vista: escola, memória e cultura escrita*. pp. 7-13, Rio de Janeiro: UERJ.

Oliveira, R.C.S; Oliveira, F.S. (2011). UATI/UEPG: A construção de novos saberes para o empoderamento do idoso. XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais. *Diversidade e (Des) Igualdades*. Anais. Salvador, UFBA.

Nóvoa, A.; Finger, M. (1988). (Org.) *O método (auto)biográfico e a formação*. Lisboa: MS/DRHS/CEAP.

Nóvoa, A. (Coord.). (1992a). *Os professores e a sua formação*. 2 ed. Lisboa: Dom Quixote.

Nóvoa, A. (1992b). Os professores e as histórias da sua vida. In. Nóvoa, A. (Org.) *Vida de professores*. pp. 11-30, 2ª Ed. Porto: Porto Ed.

Nóvoa, A. e Popkewitz, T S. (1992). *Reforma educativa e formação de professores*. Lisboa: EDUCA.

Passeggi, M. C.; Vicentini, P. P.; Souza, E.C. (2013). *Pesquisa (auto)biográfica: Narrativas de si e formação*. 1ª edição, Curitiba, PR: CRV.

Peixoto, C. D. (1977). Volta às aulas ou de como ser estudante aos 60 anos. In: Veras, R. (Org ). *Terceira Idade, desafios para o terceiro milênio*. pp. 41-74, Rio de Janeiro: Relume-Dumará/UnATI.

Pereira, A. S. (2014). *Tempo de plantar, tempo de colher: mulheres idosas, saberes de si e aprendizagens de letramento em Saquinho*. 280 f. Tese Doutorado (Educação e Contemporaneidade) Universidade do Estado da Bahia. Salvador.

Pollack, M. (1992). *Memória e Identidade Social*. *Estudos Históricos: memória*, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, pp. 200-215.

Pineau, G. (2006). As histórias de vida como artes formadoras da existência. In: Souza, E.C. de & Abrahão, M.H.M.B. (Org). Tempos, Narrativas e Ficções: a invenção de si. pp. 329-343, Porto Alegre: EDPUCRS; Salvador: EDUNEB.

Rouso, H. (2002). A memória não é mais o que era. In: Ferreira, M. M.; Amado, J. (Orgs.). Usos e abusos da história oral. pp. 93-102, 5ª edição, Rio de Janeiro: FGV.

Schön, D. A. (2008). Educando o Profissional Reflexivo: um novo design para o ensino e a aprendizagem. Trad. Roberto Cataldo Costa. Porto Alegre: Artmed.

Silva, N.P., Cachioni, M. & Lopes, A. (2012). Velhice, Imagem e Aparência: a experiência de idosos da UnATI-EACH-USP. Revista Temática Kairós Gerontologia, 15 (Número Especial 14, "Universidade Aberta à Terceira Idade e Velhice"), 235-257. URL: <http://revistas.pucsp.br/index.php/kairos/article/view/15251/11377>.

Silva, N. M. (1998). Idosos asilados e representações sociais da velhice. 220 f. Monografia (Gerontologia Social), Centro de Estudos de Pós-graduação Olga Mettig, Salvador.

Pérez-Gómez, A. (1992). O pensamento prático do professor: a formação do professor como profissional reflexivo. In: NÓVOA, A. Os professores e a sua formação. pp. 93-114. Lisboa: Dom Quixote.

Souza, E. C. (2016a). Configurações e redes da pesquisa (auto)biográfica no Brasil: diálogos implicados sobre ações colaborativas e educação rural In: Abrahão, M. H. M. B. (Org.). A Nova Aventura (Auto)Biográfica. Porto Alegre: EdiPUCRS, v.1, p. 221-248.

Souza, E. C. (2016b). Biografar-se e empoderar-se: entrevista autobiográfico-narrativa e percursos de formação da professora Dilza Atta In: ABRAHÃO, M. H. M. B. (Org.). Destacados educadores brasileiros: suas histórias, nossa história. Porto Alegre: EdiPUCRS, p. 65-95.

Souza, E. C. (2015). Diálogos em rede: (auto)biografias e documentação narrativa In: Souza, E. C. (Auto)biografias e documentação narrativa: redes de pesquisa e formação. pp. 25-33, Salvador: EDUFBA.

Souza, E.C. (2014). Diálogos cruzados sobre pesquisa (auto)biográfica: análise compreensiva-interpretativa e política de sentido. Revista Educação UFSM, Santa Maria, v. 39, n. 1, pp. 85-104.

Souza; E.C. (2011).. Territórios das escritas do eu: pensar a profissão - narrar a vida. Educação PUCRS, v.34, pp. 213-220.

Souza, E.C. (2009). Pensar a profissão – escrever a vida: memória, (auto)biografia e práticas de formação. Relatório de Pesquisa para Professor Titular. Salvador, UNEB.

Souza, E. C. (2008). Modos de narração e discursos da memória: biografização, experiências e formação (Auto) biografia: formação, territórios e saberes. In: Passeggi, M. C.; Souza, E. C. (Orgs.). (Auto) biografia: formação, territórios e saberes. pp. 85-101, Prefácio Gaston Pineau. Natal, RN: EDUFRN; São Paulo: PAULUS.

Souza, E. C. (2006). O conhecimento de si: estágio e narrativas de formação de professores. Rio de Janeiro: DP&A; Salvador: EDUNEB.

Souza, E. C. (2005). Epistemologia da Formação: políticas e sentidos de ser professor no Século XXI. Revista de Educação CEAP. Salvador, CEAP, v. 18, p. 19-24.

Souza, E.C. e Almeida, J.B. de. (2012). Narrar histórias e contar a vida: memórias cotidianas e histórias de vida de educadores baianos. Abrahão, M.H.M.B. (Org). Pesquisa (auto)biográfica em rede. pp. 31-49. Natal: EDUFRN; Salvador: EDUNEB; Porto Alegre: EdiPUCRS. (Coleção Temas Transversais, V. 8)

Taam, R. (2008). A educação do idoso: Uma questão contemporânea. In: Altoé, A. (Org.). Temas de educação contemporânea. pp. 45-56, Cascavel/Paraná: Edunioeste.

Tardif, M.; Lessard, C. e Lahaye, L. (1991). Os professores face ao saber docente: esboço de uma problemática do saber docente. Teoria e Educação, Porto Alegre, nº 4, pp. 215-232.

Valença, T.D.C., & Reis, L.A. dos. (2015). Memória e história de vida: dando voz às pessoas idosas. Revista Kairós Gerontologia, 18(2), pp. 265-281. ISSN 2176-901X. São Paulo (SP), Brasil: FACHS/NEPE/PEPGG/PUC-SP.

Valença, T.D.C., & Silva, L.W.S. (2011). Fisioterapia no Cuidado ao Sistema Familiar: Uma Abordagem à Pessoa Idosa Fragilizada. Revista Temática Kairós Gerontologia, 14 (Número Especial 9, “Família Ciclo Vital e Velhice), 89-104. URL: <http://revistas.pucsp.br/index.php/kairos/article/view/6489/4705>.

Vellas, P. (2009). As oportunidades na Terceira. Tradução e notas Claudio Stieltejs e Regina Taam; apresentação Paulo Roberto de Araujo Cruz e Darei Piana. Maringá: Eduem.

Veras, R.P; Caldas, C.P. (2004). Promovendo a saúde e a cidadania do idoso: o movimento das Universidades da Terceira Idade. Revista Ciência e Saúde Coletiva, 9(2), p. 423-432.

Vidal, D.G. & Faria Filho, L.M. de. (2005). As lentes da história: estudos de história e historiografia da educação no Brasil. Campinas, SP: Autores Associados.

Wanderley, M. de N. (2000). A emergência de uma nova ruralidade nas sociedades modernas avançadas: o “rural” como espaço singular e ator coletivo. Estudos Sociedade e Agricultura. pp. 87-145, n. 15.